

ENTREVISTADO



332

José Ribamar Garcia¹

Entrevista realizada pela Pr^a Dr^a Raimunda Celestina Mendes da Silva

RHR: O que dizer do ofício de escritor? É como dizem: um ato solitário e melancólico?

RGarcia - O ofício de escritor envolve dois aspectos básicos: o trabalho de campo e o trabalho intelectual. O de campo, abrange observações de locais, logradouros e do comportamento humano (atos, falas, atitudes, maneirismos, expressões e demais características). E o intelectual, voltado à pesquisa e, sobretudo, à concepção das ideias (voluntárias e involuntárias), seu amadurecimento e a transposição para o papel – ou diretamente ao computador. De fato, é um ofício trabalhoso e altamente solitário. Mais angustiante do que melancólico. E só depois de concretizado o texto, é que ele, escritor, sente uma satisfação, uma sensação de bem-estar, de alívio, de leveza. Mas, essa sensação é fugaz, só permanece até o surgimento de nova ideia para um novo livro, quando recomeça a angústia. É algo como um círculo vicioso.

¹ Romancista, cronista, contista e jornalista. Os pais: Francisco de Assis Garcia e Bernarda F. de Sousa Bacharel em Direito pela Faculdade Nacional de Niterói. Conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB-RJ, em quatro mandatos. Ocupante da Cadeira 11 da Academia Piauiense de Letras.

Entrevistadora: Raimunda Celestina Mendes da Silva

RHR: Como acontece teu processo de criação? Escreves direto no computador ou no papel e depois digitas? Fale um pouco desse processo, dê exemplos, se possível.

RGarcia - Surge uma ideia, casual ou motivada, que vai se arrumando no pensamento, crescendo, evoluindo, enquanto vou alimentando-a. Uma vez visualizada, formada, concretizada, passo-a para o papel e a desenvolva com anotações. Feito isso o texto vai para o computador e aí então trato, vamos dizer assim, do acabamento, reescrevendo, aumentando, cortando, enxugando, polindo, até sentir que está completo e que me satisfaz. Ou seja, começo no manuscrito e concluo no computador.

RHR: Hayles afirma que “a literatura eletrônica é normalmente criada e executada em um contexto de rede e meios de comunicação digital programáveis e que é movida pelos motores da cultura contemporânea, especialmente jogos de computadores, filmes, animações, artes digitais, desenhos gráficos e cultura visual eletrônica”. Discorra um pouco sobre esse comentário a partir de sua experiência de vida com o tema.

RGarcia - Quanto ao comentário de Hayles, tenho pouco a dizer, pois não tenho experiência nessa seara. Meu contato com o mundo digital se resume à pesquisa, não sendo usuário de plataformas digitais como jogos, animações, etc.

RHR: O que achas do livro eletrônico? Uma publicação eletrônica implicaria em custos mais altos ou não? Como fica o problema dos direitos autorais, é a mesma coisa do livro impresso?

RGarcia - A forma eletrônica de livro é muito interessante e salutar, porque é uma maneira de se atingir um maior público de leitores. Creio que o custo do livro eletrônico é menor do que o da impressão do livro físico, face às menos etapas de elaboração (capas, revisões, diagramações e outras fases). Por consequência, os direitos autorais têm um percentual menor, mas o autor ganha na quantidade. Minha experiência tem sido satisfatória, na medida em que meus textos têm tido mais acessos e com uma divulgação automática.

RHR: Quais as estratégias de preservação e gerenciamento dos manuscritos digitais? Responda, se utilizares.

RGarcia - Não utilizo nenhuma estratégia de preservação ou gerenciamento dos manuscritos digitais. Publicado o livro, fico apenas com os exemplares.

RHR: Às vezes, o computador é utilizado por outras pessoas, além do escritor; portanto suscetível de erros e acidentes. Tu tens um computador exclusivo para criação da tua obra literária? Já aconteceu algum acidente com uma obra acabada ou em construção? Como resolveste?

RGarcia - Embora o meu computador seja compartilhado com outra pessoa, somente eu acesso meus arquivos, além de manter uma cópia do texto que estou trabalhando. Mesmo assim, já me aconteceu um acidente quando trabalhava no livro “Filhos da Mãe Gentil”. Não sei como,

Entrevistado: José Ribamar Garcia

todo o texto sumira da tela. Provavelmente, devo de ter batido errado no teclado. Perdi metade do que havia escrito. Como resolvi? Com a ajuda da memória, passei noites reescrevendo. Aliás, fato pior, sucedeu com o contista João Antônio, quando o manuscrito de “Malagueta, Perus e Bacanaço” foi devorado por um incêndio na sua casa. Ele, persistente, reescreveu todo o livro numa seção da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo e o livro foi publicado em 1963.

RHR: Sabe-se que há necessidade de ferramentas de proteção que garantam a manutenção e preservação dos textos digitais, assim como dos textos escritos. Como preservas teus textos digitais? Como se dá a reconstrução dos documentos deletados ou avariados? E dos escritos?

RGarcia - O fato, acima, serviu-me de lição e passei a preservar meus textos através de pen drive. Escrevo um capítulo e o salvo no dispositivo.

RHR: Fique à vontade para falar algo mais que eu não indaguei e que queiras comentar. Por favor, sempre que possível, exemplifique com as obras literárias escritas por você.

RGarcia - Professora Celestina, com relação ao processo de criação, já transformei alguns sonhos em peças literárias. Só que o clima emocional que me vem é sempre outro. A emoção e a sensação não são as mesmas do sonho. E a peça sempre acaba incompleta. Pode até estar bem escrita, bem interessante, mas para mim sempre frustrante, porque incompleta. Jáaconteceu de despertar e voltar a dormir em busca daqueles sentimentos, mas nunca os consegui. Jamais pude descrever as mesmas emoções. E essas tentativas só aumentam a frustração. Curioso, não?

Finalizando, creio ter respondido os questionamentos. No mais, só tenho que lhe agradecer pela entrevista. E sinto-me lisonjeado que seja incluída no seu Projeto.